

DESOBEDIÊNCIA OU BARBÁRIE?

Publicado na revista Visão, edição de 30 de Agosto de 2007

O ESCRITOR norte-americano Henry David Thoreau passou algumas horas na cadeia por se ter recusado a pagar impostos. Na sua obra de 1849, intitulada *Desobediência Civil*, Thoreau explicou os motivos da sua recusa fiscal: “Quando a sexta parte da população de uma nação que se propôs ser o refúgio da liberdade é composta por escravos, e um país inteiro é injustamente invadido e conquistado por um exército estrangeiro, submetido à lei marcial, eu penso que não será prematuro para um homem honesto rebelar-se e revoltar-se.”

Thoreau recusava financiar com os seus impostos quer a manutenção da escravatura, quer a guerra de agressão dos EUA contra o México. Com esse gesto, Thoreau fundava o moderno conceito de desobediência civil, que se baseia na ideia da eficácia de uma *maioria ética* por oposição à maioria numérica. Um único ser humano, moralmente esclarecido, tem vantagem sobre uma maioria ignóbil. Mesmo que a força bruta o faça soçobrar, a razão da sua desobediência sobreviverá ao desmantelamento do poder dos seus algozes.

Na essência da desobediência civil existe, portanto, uma ideia de resistência pacífica contra um poder físico superior, seja ele o do Estado, ou o do preconceito das maiorias, ou a aliança de ambos. Foi assim com Gandhi, na luta contra a dominação colonial britânica na Índia, e com Luther King, no combate contra a segregação racial nos EUA. A sua coragem pacífica ajudou a tornar o mundo num lugar mais habitável.

NO PASSADO dia 17, uma centena de indivíduos, ocultando o rosto sob capuzes, destruiu um hectare de culturas de milho transgénico numa propriedade privada. À vista desarmada, foram cometidos três crimes: invasão de propriedade, crime de dano, e crime de desobediência. Contudo, para o eurodeputado Miguel Portas, esse gesto foi classificado como “o primeiro acto de desobediência civil ecológica em Portugal”.

Seria difícil encontrar tanta falta de rigor em tão poucas linhas. Na acção do grupo, sob a ridícula e *kitsch* designação de Verde

Eufémia, não há pitada de desobediência civil no seu sentido original. Cem mascarados contra um agricultor isolado, que vê o fruto do seu trabalho ser violentamente desbarato, não é desobediência civil. Tratou-se, antes, de um acto cobarde que faz lembrar não a coragem serena de Thoreau, mas a fúria das milícias fascistas, entrando pelas lojas dos indefesos comerciantes judeus, como um vendaval de destruição. Se alguém, naquele dia e local, parece ter praticado a resistência pacífica, foi a GNR, ao abdicar da coacção física legítima para fazer debandar a horda dos autodenominados “ceifeiros verdes”... Quanto ao resto, Miguel Portas manifesta desconhecer os muitos episódios de verdadeira desobediência civil na história do ambientalismo português.

A PRINCIPAL doença da democracia actual é o crescimento exponencial da barbárie. As nossas democracias não estão a conseguir proteger a qualidade do espaço e do debate públicos como lugares de deliberação política. A barbárie é o caldo de cultura onde floresce uma “classe política” sem capacidade de enfrentar os desafios complexos do mundo actual (incluindo o das culturas transgénicas).

A barbárie é o império da aparência contra a racionalidade argumentativa, do imediatismo contra a prudência estratégica, da facilidade contra o rigor, do oportunismo contra a rectidão. A complexidade das questões ambientais tem sido um teste, em Portugal e na Europa, à capacidade da nossa democracia em resistir a esse impulso medíocre e simplificador. Que as questões ambientais em Portugal pudessem ficar associadas à corrosão violenta da nossa frágil gramática constitucional, mesmo com a atenuante de algum acne juvenil, tal seria uma vitória da barbárie que não anunciaria nada de bom.

Viriato Soromenho-Marques